

A VIDA COMO ELA É...NA WEB

Ieda Tucherman

Doutora em Comunicação

Professora do programa de pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ

“Nada faz mais sentido do que mudar de sentido

Relatarei por meio de imagens a lembrança de uma mutação “.

Michel Serres- Filosofia Mestiça

O título deste texto recupera o de uma matéria jornalística publicada no caderno Informática do jornal O Globo de 10 de julho de 2000¹, que descrevia uma *e-moça* que, sobrevivendo apenas graças aos recursos propiciados pela rede, completava exatos um mês sem por o pé na rua, como testemunha/cobaia de uma nova possibilidade de viver uma vida cotidiana tal como ela pode ser , se limitada às possibilidades geradas pelas novas tecnologias, especialmente às relativas à WWW.

Mais por curiosidade, a moça chama-se Fernanda Khuri , é economista, e tem 24 anos. Não é a única a fazer esta experiência e não será, sem dúvida, a última. O que nos fez escolhê-la foi a curiosidade despertada pela sua decisão de submeter-se a esta prova e o interesse que os leitores teriam de ler a matéria e, eventualmente, acessar o site onde poderiam acompanhar sua “aventura”.

Podemos começar pensando na relação entre a mídia impressa e as novas tecnologias , não pretendendo nem de longe esgotar este análise mas apontando apenas algumas de suas facetas: começaremos por lembrar que a função da mídia, especialmente a impressa, sempre foi a de produzir uma mediação entre os fatos e seus sentidos. Não é exagerado dizer que o jornalismo funciona como uma interface entre o mundo e a sociedade, construindo uma grade de leitura que “organiza” significados e relações. Como também é natural dizermos que aí, no

¹ Por sua vez, o título da matéria refere-se a uma coluna chamada A vida como ela é , publicada de 1951 a 1961 no jornal Última Hora e assinada pelo genial Nelson Rodrigues

nosso jornal, é que determinamos o nosso presente. Partindo deste pressuposto, o que é que esta matéria dava a ver? O que nela ganhava status de fato e recebia dotação de sentido? Que jogo de relações aí se representava?

Nossa aposta inicial é que na mídia, o espaço de visibilidade mais imediato da sociedade ocidental, podemos vislumbrar a execução de uma dança de dois ritmos: por um lado há o tornar a rede cada vez mais presente nos domínios impressos (contraponto dos sites jornalísticos), o que lhe dá um ar de atualidade e, portanto, no cotidiano concreto e/ou imaginário dos leitores e, por outro lado, organizando o campo da divulgação, a mídia impressa parece dar à ciência e à tecnologia o lugar de determinação do que é atual, isto é, contemporâneo².

Ao mesmo tempo, retomando a matéria da vida na WEB, apesar de sua banalidade, ela enuncia uma “invenção”: as *e-moças* ou os *e-rapazes* que são, ao mesmo tempo, um resultado das novas lógicas da presença da rede no nosso cotidiano e um novo parâmetro de individualização. Afinal, o que conhecemos e reconhecemos como sendo nosso modo de ser e as suas variações, mesmo assumindo todos os novos sujeitos da história de que falou-nos Foucault e que alimentam o campo dos Estudos Culturais, são moças, rapazes, gays, lésbicas, africanos, afro-americanos, asiáticos, crianças, adolescentes, gente de terceira idade, bissexuais, hermafroditas e outros mais. Também conhecemos as moças e rapazes virtuais, nos vídeo-games como nos sites que criaram estes personagens. Mas moças e rapazes que existem como nós, com os quais podemos esbarrar no cinema, na feira, no bar ou na vida e que se “retiram” ao mesmo tempo para o espaço limitado de um apartamento e o infinito do ciberespaço são uma “espécie nova”. Que, como tal, se abandonarmos os preconceitos que levam alguns a não se dignar a deter o olhar em fatos “pequenos” ou midiáticos, falam alguma coisa sobre esta nova espécie de individuação e subjetividade.

² Às vezes acontece algo mais curioso: a mídia parece dar à ciência e à tecnologia o lugar do milagre e da revelação e as matérias de cobertura da divulgação dos primeiros resultados do projeto GENOMA, foram emblemáticas. Naquele dia, para todos os leitores do “*Deciframos a linguagem da vida*”, que apareceu no título ou no corpo de quase todos os jornais, a vida mudou de natureza e nossos cientistas transformaram-se em deuses. Descobriram o segredo do *acgt* e seu sequenciamento., *acgt* este que tanto faz lembrar o tetragrama impronunciável do nome de Deus na tradição judaica-YHWH- quanto evocam a figura de um velho tipógrafo arrumando suas letras para compor a primeira página de um velho periódico.

Devemos lembrar que podemos conhecer e compreender nossa genealogia, que nos configurou como nós somos através de intrincadas operações de fazer ver, dizer e inventar, pensando nas figuras que concebemos como merecedoras da nossa atenção e do nosso culto; às vezes também da nossa angústia e violência (é o caso dos monstros) e que surgiram-nos como extra-ordinários, ou seja, fora da ordem comum.

Estas figuras históricas do individualismo que podemos identificar com os heróis, os sábios, os santos (aí incluídos os eremitas) e os artistas que hoje parecem constituir um campo fértil da mitologia para as narrativas de ficção científica, indo dos andróides aos ciborgues, tem em comum, embora isto em nada anule suas especificidades, um traço imediato: tornam presente a dimensão de um excesso, de um extra, de uma intensidade que é rara e, por isto mesmo, preciosa ou aterradora. São incomuns e assim celebram, ao mesmo tempo, a nossa normalidade pois são, para o bem e para o mal, as nossas alteridades, assim como demonstram a potência do humano, capaz de “*perseverar no que o excede*”³.

Evidenciam também uma lógica particular de movimento e pertença que foi sugerida e analisada por Louis Dumont no seu célebre Ensaio sobre o Individualismo gerando duas formas por ele identificadas como duas formas opostas de indivíduos: indivíduos fora do mundo e indivíduos no mundo.

O primeiro, indivíduo fora do mundo, tem como modelo o renunciante hindu que para se constituir a si mesmo na sua independência e singularidade, deve se excluir de todos os laços sociais , afastar-se da vida tal como esta é vivida aqui em baixo. Na Índia, assim como em outras comunidades orientais, já que os monges tibetanos e nepaleses parecem ser hoje a realização maior deste modelo, o desenvolvimento espiritual de indivíduo tem por condição a renúncia ao mundo, a ruptura com todas as instituições que formam a trama da existência coletiva, o abandono da comunidade a qual pertencemos, a retirada em algum lugar de solidão definido por sua distância em relação aos outros, seus hábitos e seus valores. Seguindo o modelo indiano, o indivíduo não se faz no quadro da vida social: implica em que este saia dela. Seria tentador, mas não preciso, identificar as *e-moças* a este padrão. O segundo modelo seria o homem moderno, o indivíduo que vive e afirma sua individualidade como um valor, no interior do mundo: o indivíduo mundano. Considerando que nossa atualidade ainda se relaciona com os

³ Expressão usada por Alain Badiou em Para uma nova teoria do sujeito, Rio de Janeiro Relume-Dumará, 1994.

sintomas que ainda manifesta de seu passado imediato , a Modernidade, poderíamos dizer que esta , que se constituiu como a época das épocas, uma vez que é a referência para a própria “epocalidade” entendida com um modo de presença e sentido do tempo, caracterizou-se pelo movimento duplo de mundialização do sujeito e subjetivação do mundo, o que se demonstra na tensão permanente entre o projeto coletivo e a liberdade individual que sustentam suas duas tendências: a Iluminista e a Romântica.

É este modelo que parece estar sendo contestado (ou superado) nesta nova contemporaneidade tecnológica e a presença da e-moça Fernanda Khuri fornece, numa leitura atenta, as pistas para percebermos onde ela se afasta deste indivíduo moderno e, neste movimento, o torna presente pela própria falta (ou diferença).

Uma das melhores fórmulas para pensar a questão do sujeito no mundo moderno pertence a Philippe Lacoue-Labarthe: “*Para os modernos não há a experiência da liberdade; liberdade é o nome da experiência*”⁴. Podemos perguntar o que é a experiência a ser vivida por Fernanda Khuri: de imediato, parece que o que está sendo problematizado é a eficiência do meio, para cuja mediação ela é um elemento de observação.

Ao mesmo tempo, neste movimento de “retirar-se” existe a recuperação de experiências anteriores ao Moderno que, não mantendo o mesmo radical significado, também se constituíram e, no OCIDENTE, como um jogo de afastar-se da vida social e/ou natural para a ela voltarem como exemplos: o herói, o santo e certa espécie de artista presente sobretudo no imaginário moderno que nela concentrou o mais intenso da sua relação com o extraordinário.

Vejamos, muito panorâmicamente, o herói guerreiro cujo desenho mais acabado seria Aquiles⁵: o homem da “*bela morte e não do cadáver ultrajado*”. Seu contraponto complementar seria o sábio inspirado, entre os quais o último e mais conhecido teria sido Sócrates: são os dois tipos de modo de ser que elaboram, na experiência da Antiguidade greco-romana que nos funda, os modelos destas figuras singulares que se elevam em suas atribuições a uma importante distância dos comuns para, neste movimento, instalarem uma forma de coragem, de honra e de excelência que funcione como exemplo, sirva de ideal de si para os homens comuns.

⁴ Lacoue-Labarthe, Philippe, *A imitação dos modernos, ensaios sobre arte e filosofia*, São Paulo, Paz e Terra, 2000

⁵ A este respeito os textos de Jean Pierre Vernant citados na bibliografia são brilhantes estudos.

A experiência cristã não se afastará totalmente desta lógica e a proliferação da vida dos mártires e dos santos parece confirmar este gosto narrativo a respeito de seres especiais. Podemos a estes juntar os heróis cruzados nas guerras santas, e os guerreiros “iluminados”, dentre os quais Joana d’Arc seria uma referência consensual. Mas há uma figura que, pela natureza de sua radicalidade merece nossa atenção e cuidado analítico: é o caso dos anacoretas⁶⁶, indivíduos que surgiram no Egito após a conquista romana e a conseqüente cristianização, cuja designação é derivada de ANACORESE, que significa uma fuga do mundo cotidiano.

Ora, uma vez que o cristianismo trouxe para a comunidade humana uma nova ordem temporal à qual o apocalipse e o escatológico pertenciam como condição de redenção para o “outro mundo”, instalando o medo do desaparecimento de tudo, comportamentos excessivos e irracionais vieram a aparecer tais como: a vocação para o martírio, a obsessão da virgindade e da ascese, a fuga para os desertos, tendo todos, como traço essencial, o serem uma recusa radical deste mundo destinado a desaparecer um dia, única resposta possível à angústia de um mundo que lia em si mesmo os signos de sua própria agonia.

Neste caso particular dos eremitas, o que o torna mais fascinante é que estes recusaram, ao mesmo tempo, o mundo social e o mundo natural, fugindo para o deserto e impondo-se uma vida de total privação da qual fazem parte o jejum quase total e permanente, a abstinência sexual absoluta, o viver em ocos de árvores ou cavernas, e, naturalmente, a solidão e o silêncio. Santantão e Santo Pacôncio são os mais conhecidos e, o relato de suas regras de distância e de artificialidade absoluta no controle da vida cotidiana, que tinham o objetivo de, abstraindo-se das reais, encontrarem as sagradas comunidades virtuais, acabaram por servir de inspiração para a criação dos mosteiros, modelo ideal da comunidade religiosa cristã, que será referendado não apenas pela aceitação e admiração social, quanto exercerá nesta um forte papel, responsabilizando-se por um novo princípio pedagógico que influenciará enormemente todo o nosso processo civilizatório: a educação religiosa formalizada.

Levaram ao limite a codificação de uma forma de vida que tinha na distância e no movimento espaço-temporal de afastamento seu primeiro movimento. Não deixa de ser curioso que, guardadas todas as proporções e perdoadas todas as imprecisões analógicas, nossa e-moça tenha como regra básica o exílio do espaço-tempo da nossa realidade tangível, onde realizamos

⁶⁶ Lacarrière, Jacques, Les hommes ivres de Dieu, Paris, Fayard, 1975

nosso “estar-no-mundo-junto-de-outros” e tenha substituído a proteção dos anjos e dos demônios que secundava os eremitas, pela presença da WEB, que tornou possível, não apenas a sua existência mas também a das novas e festejadas comunidades virtuais.

Deixamos para o último, mas não o menos importante lugar neste nosso mais do que “apressado” percurso, um grupo de figuras ambíguas geradas e presentes na Modernidade: de um lado temos os heróis das Grandes Navegações, homens que vão ao mar (depois ao espaço) para descobrir novas terras e/ou caminhos, cartografar e expandir nossos universos; de Colombo a Iuri Gagarin, que nos doou “*A Terra é azul*”. Há também e, no mesmo período, como contraponto, os viajantes “literários” e suas aventuras: Marco Polo, Robinson Crusóé, entre tantos outros. A descendência contemporânea destes personagens parece apontar hoje para outra dupla complementar: os cientistas e astronautas dos projetos de conquista do espaço e os heróis da ficção científica: os que descobrem nossos “estranhos”.

Nenhum nomadismo na nossa e-moça: ela é o link-porto e, se descoberta houver, será a das suas reações ou a das nossas, observando-a, já que ela parece ser proposta como nossa circunstancial “cibernética estranha”. Talvez, com muito esforço, possamos contrastar o naufrágio **involuntário** (o que já explicita uma fundamental diferença) de Robinson Crusóé e a sua capacidade de reconstituir toda a civilização a partir de seus saberes e poderes⁷ e a “ilha” de Fernanda: os saberes e poderes não estão nela como competência acumulada e memória civilizatória, mas na potência e eficácia das conexões que vier a fazer. Talvez ela seja um dos exemplos mais bem acabados da célebre frase de Derrick de Kerckhove: “

Eu sou na medida das minhas conexões”.⁸

Finalmente o artista: no mundo moderno ele exerceu uma função demiúrgica: próximo da liberdade da loucura ele era o lugar da obra, dos mundos possíveis, da vanguarda. Aquele que praticou a exacerbação do eu romântico e depois o estilhaçou; o que deu forma e consistência às transgressões por considerar que natureza e cultura são produtoras, cada uma a seu modo, de limites, cuja tarefa era romper, mas cuidou de formalizar suas experiências; o homem do manifesto e do gesto, que descobre a hiância entre o primeiro e o segundo.

⁷ veja-se a este respeito Mitos do individualismo, de Ian Watt, Rio de Janeiro, Zahar, 1998

⁸ Kerckhove, Derrick de, A pele da cultura, Lisboa, Relógio d'água, 1997

Finalmente , é quem elabora o fatal diagnóstico: a obra-de-arte total á que não se completa; a impossível.

Elegendo um deles, não totalmente ao acaso, mas por conta de seu papel na reflexão do artista com o mundo moderno, com o social e o individual, com o culto radical do artifício e com a experiência do tempo, Charles Baudelaire, encontramos, ao mesmo tempo, a heroicização irônica do presente (que não temos o direito de desprezar, como nos aconselha) e um saber misturar-se com a multidão, fazendo do prazer do anonimato o material da construção do nome. Nada mais diferente do que “*A vida como ela é...na WEB*”.

Mas esta matéria jornalística sobre Fernanda Khuri torna conhecida, como já dissemos, uma das muitas experiências de vida via WEB ou de novos acontecimentos que começam a acontecer. Basta lembrarmos uma outra, paradigmática neste sentido, que se sustenta desde 1996, quando uma adolescente americana de 16 anos, Jennifer Ringley, instalou webcâmaras na sua casa que transmitem na Internet o seu dia-a-dia, banal como o de qualquer um, e cujo site já recebeu mais de 5000000 de visitantes, alguns dos quais regulares que pagam uma taxa para acompanhar a “sua vida”.⁹

O que é que faz estes seres comuns tornarem-se objeto e foco da nossa atenção? Talvez o título, *A vida como ela é...na WEB*, seja mais sábio do que se suporia: também as colunas de Nelson Rodrigues não tratavam de grandes heróis- o que lhes dava contorno era o texto e o estilo rodriguiano. Eram invenções do Nelson, nosso dramaturgo maior. Embora sem o seu charme, sem as suas tipologias, sem as suas vitais tensões, sua sofrida e trágica humanidade, nossas e-moças e e-rapazes são também invenções. Da WEB e de seus provedores, que remuneram estas “experiências”. Seu colorido, sem muito contraste, talvez se explique porque estas figuras, fundadas na lógica da rede, são topológicas. E só existirão quando e se conectadas e conectáveis. Quanto a nós...

⁹ Permitindo-me uma ironia baudelaireana, não posso deixar de pensar que parte importante destas visitas deve-se aos nossos trabalhos teóricos. O que é, no mínimo, uma outra curiosidade: a dos personagens que “vingam” porque povoam nossos estudos.

Bibliografia:

- Badiou, Alain, Para uma nova teoria do sujeito, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994
- Duby, Georges, A emergência do indivíduo in História da vida privada, volII, São Paulo, Companhia das Letras, 1990
- Dumont, Louis, Essais sur l'individualisme, Paris, Ed. du Seuil, 1983
- Figueiredo, Luiz Cláudio, A invenção do psicológico:1500-1900, São Paulo, Escuta, 1992
- Foucault, Michel, L'usage des plaisirs, Histoire de la Sexualité II, Paris, Gallimard, 1984
- Kherckhove, Derrick de, A pele da cultura, Lisboa, Relógio d'água, 1995
- Lacarrière, Jacques, Les hommes ivres de Dieu, Paris, Fayard, 1975
- Miranda, José Augusto Bragança de, Traços: Ensaio de crítica de cultura, Lisboa, Veja, 1998
- idem: Análítica da Atualidade, Lisboa, Relógio d'água, 1994
- Stiegler, Bernard, A tecnologia contemporânea: rupturas e continuidades, in O império da técnica, org por Ruth Schieps, Campinas, Papirus, 1996
- Tucherman, Ieda, Entre anjos e cyborgs, in Revista de Comunicação e Linguagens, 28, Tendências da cultura contemporânea, org, José Bragança de Miranda e Eduardo Prado Coelho, Lisboa, Relógio d'água, 2000
- idem, Breve história do corpo e de seus monstros, Lisboa, Vega
- Vernant, Jean Pierre, L'individu dans la cité, in Sur l'individu, Paris, Ed, du Seuil, 1987
- Watt, Ian, Mitos de individualismo, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.